

Pássaros do Concreto¹

Fernanda CAVALLI²
Alessandra OLIVEIRA³

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

RESUMO

Pássaros do Concreto é um livro-reportagem que traz em suas páginas, histórias de pessoas anônimas, que se cruzam no Passeio Público de Fortaleza. Baseado em uma experiência de três meses de intensa apuração e imersão no espaço, são apresentadas aos leitores cinco narrativas de vida. Apesar de ser claro o compromisso com os depoimentos dos entrevistados, houve interpretação e descrição livre destes sujeitos. O livro tem como principal objetivo contar histórias de pessoas que frequentaram ou frequentam a praça, mostrando as variadas representações deste espaço. Além disso, fotografias compõem a narrativa, revelando os protagonistas e cenários dessa reportagem.

PALAVRAS-CHAVE: Passeio Público; Fortaleza; Narrativas de Vida; Livro-Reportagem.

1. INTRODUÇÃO

O primeiro contato com o Passeio Público de Fortaleza aconteceu em 2013, após a descoberta de que a praça foi o primeiro espaço público a oferecer rede wi-fi na Capital cearense. Decidi que este seria o objeto de estudo para o trabalho de conclusão de curso em Publicidade e Propaganda, pesquisa realizada neste mesmo ano. No projeto estudei a influência da comunicação móvel na reconfiguração do Passeio Público, escrevi sobre a história da praça, sobre a cibercultura e analisei o impacto do wi-fi e das redes sociais no espaço. Apesar de o trabalho ter sido concluído com êxito, sentia a ausência das histórias que habitavam e ainda habitam a praça, sentia falta dos relatos de vida. Este segundo projeto, que se distancia da linguagem técnica dos textos acadêmicos, dá voz as pessoas que vivem a cidade, às distintas histórias que se cruzam no Passeio Público. Não tenho interesse em apresentar uma realidade única do espaço, e sim, sugerir várias interpretações desta praça, por meio das narrativas dos personagens escolhidos para elucidar o livro-reportagem *Pássaros do Concreto*.

A escolha em trabalhar com narrativas de vida não foi algo pré-definido por mim, sinto que fui escolhida, para contar histórias anônimas. Dentro da redação do jornal

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade J011 Livro-reportagem (avulso).

² Aluna líder e recém-graduada do Curso de Jornalismo da Unifor, email: fernandabcavalli@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Unifor, email: alessandraoliveira@unifor.br

Diário do Nordeste, onde trabalho há cerca de dois anos, descobri que sinto prazer ao escrever reportagens sobre histórias de pessoas que se tornam muitas vezes invisíveis para boa parte da sociedade. E assim, percebi que posso unir a paixão que tenho em conhecer vidas com o jornalismo.

Ao todo, foram escolhidos cinco personagens para o livro-reportagem, sendo divididos em cinco capítulos. Cada capítulo conta uma história de vida. A escolha das narrativas não foi influenciada pela autoridade das pessoas, ou pelo tempo que conhecem o Passeio Público, e sim, pela relação que o personagem tem com o espaço. Outro critério pré-estabelecido foi a diversidade entre as pessoas, onde foi priorizada as histórias que não possuíam muitas semelhanças entre si, para assim, conseguir impressões distintas sobre o mesmo espaço.

A Praça dos Mártires, ou Passeio Público, como é mais conhecida, tem grande importância histórica e cultural para a cidade de Fortaleza, sendo palco de diversos momentos históricos da capital cearense. O apogeu da praça aconteceu no período da Belle Époque, isto é, de 1880 até 1930, sendo o principal espaço frequentado pelos fortalezenses, principalmente pela elite da cidade. O Passeio Público foi inaugurado em 1880, porém, anterior a isso, recebeu diversas nomenclaturas, o espaço onde hoje se encontra a praça é datado do século XVIII.

A praça possui variados públicos. Entre o mar e o Centro de Fortaleza, vidas percorrem o mesmo espaço, histórias que foram cruzadas, ou mesmo, pessoas que nunca se viram convivem juntas no Passeio Público. As motivações que as levam para o espaço são distintas: dinheiro, almoço, lazer, história, ou mesmo refúgio, impulsionam os fortalezenses a saírem de suas bolhas de proteção, para viverem um pouco a cidade. Apesar da popularidade do espaço público, parte dos fortalezenses ainda não conhece a praça, devido ao estigma que foi criado no final do século XX, de ser um local ocupado apenas por pessoas que estão à margem da sociedade.

Para o desenvolvimento do livro-reportagem, a metodologia abordada é a da pesquisa (auto)biográfica, respaldada nos autores Delory-Momberger (2008) e Ferrarotti (1991). Já o procedimento técnico escolhido foi a entrevista narrativa, com base em Jovchelovitch e Bauer (2005). Desta forma, após a pesquisa de campo, a técnica de entrevista foi realizada nos seguintes personagens: Pedro (morador de rua), Seu Paulo (administrador da praça), Rejane (prostituta), Rosana (permissionária do quiosque Café

Passeio), e Seu Francisco (frequentador). Cinco histórias de vidas distintas, que são conectadas pelo Passeio Público de Fortaleza.

Este paper tem como característica a narrativa em primeira pessoa, por entender que o pesquisador é um sujeito que se coloca em risco. De acordo com Ferrarotti (1991), o pesquisador é tocado e afetado pelo objeto da sua investigação, desta forma, ele não é um ser passivo, modificando constantemente o seu comportamento e suas impressões. O pesquisador envolve-se com a sua pesquisa.

2. OBJETIVO

O produto jornalístico escolhido para o Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social/Jornalismo é um livro-reportagem. Em cada capítulo é contada uma narrativa de vida, ao todo, são descritas cinco histórias de pessoas que estão conectadas por meio do Passeio Público de Fortaleza. No posfácio há ainda a minha experiência com o local, totalizando seis impressões sobre a mesma praça. O objetivo é publicar este livro-reportagem, que oferece aos leitores histórias e fotografias de sujeitos anônimos, além de um retrato no início de cada capítulo, que ilustra o símbolo que representa, a meu ver, cada personagem.

3. JUSTIFICATIVA

As narrativas de vida contadas no livro-reportagem *Pássaros do Concreto* não representam somente cinco histórias relatadas por cinco personagens. Através dos depoimentos colhidos, características destes enredos passam a representar outras pessoas. Seja por causa da migração do interior do Estado à capital cearense ou pela adoração às árvores, fragmentos dessas histórias fazem parte da vida de outros sujeitos, sendo impossível calcular o alcance dessas representações. Pela necessidade em ter uma base epistemológica que trabalhe a narrativa de vida, a metodologia escolhida para este trabalho foi a da pesquisa (auto)biográfica.

A escolha do livro-reportagem foi motivada por essa plataforma unir jornalismo à literatura, havendo assim, um compromisso com os depoimentos dos personagens, mas com uma interpretação e descrição livre destes sujeitos. De acordo com Cosson (2002), o livro-reportagem, ou romance-reportagem como prefere, “é sucessor do naturalismo do final do século XIX e do naturalismo da década de 1930, representando um terceiro momento da estética e da ideologia naturalista no Brasil” (p.66). Entretanto, foi apenas nos

anos 70, durante a ditadura militar, que o romance-reportagem ganhou força no País, devido à literatura ser pouco vigiada, por causa da sua baixa tiragem e restrição de público.

Após a ditadura, o jornalismo, ou o *new journalism*, foi construído com a preocupação com os fatos e a verdade. Entretanto, apesar do capitalismo ter influenciado o modo de fazer jornalístico, Traquina (2004) ressalta a função desses profissionais que são “os modernos contadores de ‘estórias’ da sociedade contemporânea” (p.21).

O romance-reportagem é assim, um gênero autônomo, que une o jornalismo à literatura. No caso do livro-reportagem *Pássaros do Concreto* há um compromisso com os depoimentos dos cinco personagens, as entrevistas foram gravadas e transcritas nas mesmas palavras narradas por estes sujeitos. Entretanto, a interpretação e descrição feita dos entrevistados são literárias, influenciadas pela minha imaginação, pelas minhas referências de vida, e pela percepção que tive dos personagens.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

4.1. Pesquisa (auto)biográfica

Apesar de não se tratar de uma pesquisa acadêmica tradicional, houve a preocupação em adotar um método, em ter um referencial bibliográfico, para assim, nortear o produto jornalístico, tendo uma aproximação do sujeito de uma forma responsável. A pesquisa (auto)biográfica acredita que a narração das trajetórias de vida é fundamental para o processo de formação dos autores dessas histórias. “O objeto da pesquisa (auto)biográfica é explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma às suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência” (DELORY-MOMBERGUE, 2012, p. 524).

A capacidade do sujeito em contar sua história é uma forma de verbalizar o que foi vivido. É quando se narra que se cria uma história, as experiências passam a ganhar sentido, transformando-se em uma narrativa, podendo ser propagada pela escrita, pela imagem, ou mesmo, através da fala. “O espaço da pesquisa (auto)biográfica consistiria então em perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e em estudar as formas construídas que ele dá à sua experiência” (DELORY-MOMBERGUE, 2012, p. 524).

A partir do momento em que uma narrativa é contada, neste caso por meio de um livro-reportagem, ela passa a expressar desejos, sonhos, frustrações, trazendo à tona uma gama de sentimentos e situações que se tornam fundamentais para a compreensão dos

entrevistados, fazendo com que eles percebam o que foi vivido, como afirma Delory-Mombergue (2012).

A atividade (auto)biográfica não fica mais restrita apenas ao discurso, às formas orais ou escritas de um verbo realizado. Ela se reporta, em primeiro lugar, a uma atividade mental e comportamental, a uma forma de compreensão e de estruturação da experiência e da ação, exercendo-se de forma constante na relação do homem com sua vivência e com o mundo que o rodeia. A utilização dos termos biografia e biográfico para designar não a realidade fática do vivido, e sim o campo de representações e de construções segundo as quais os seres humanos percebem sua existência [...] (p.525).

Desta forma, a narrativa de vida é um campo de representações e construções. Ferrarotti (1991) esclarece que não importa se o resultado final é ficcional ou não, se há criações durante o enredo, o que é relevante são as mediações, as histórias contadas pelos cinco personagens do Passeio Público, que representam as suas versões e conseqüentemente as narrativas de outras pessoas, ação que ele intitula como “universo singular”.

Cada indivíduo não totaliza directamente a sociedade inteira, ele totaliza-a por meio do seu contexto social imediato, os pequenos grupos de que faz parte [...] Todos esses grupos participam ao mesmo tempo na dimensão psicológica dos membros que os constituem, e na dimensão estrutural do sistema social (p. 174).

Um indivíduo não representa apenas uma unidade, cada leitor do livro-reportagem *Pássaros do Concreto* realizará uma interpretação particular, de acordo com a sua própria perspectiva. O sentido das histórias é mutável variando segundo a percepção do leitor e do grupo que ele participa. Uma mulher que nunca se prostituiu poderá se identificar com Rejane (a prostituta), por ambas serem mulheres e compartilharem causas, conflitos e sentimentos semelhantes.

Apesar das falas dos cinco personagens serem o objeto central para o desenvolvimento da pesquisa e para a produção do texto, o enredo é influenciado pela minha percepção, pelas descrições que faço dos personagens e pelas interpretações dos discursos dos sujeitos, intervindo no resultado final do trabalho. No momento em que tive a experiência da pesquisa de campo - com os sujeitos e com o Passeio Público - fui afetada, colocando-me em risco, deixando-me ser tocada por aquela situação. “O observador está radicalmente implicado na sua pesquisa, ou seja, no campo do objecto da sua investigação. Este último, longe de ser passivo, modifica continuamente o seu comportamento de acordo com o observador” (FERRAROTTI, 1991, p. 171).

Bondía (2002) explica que para viver uma experiência o pesquisador deve expor-se, evitando criar uma posição ou oposição referente aos sujeitos, atravessando o espaço, e buscando nele a ocasião e a oportunidade. Assim, tanto o sujeito é influenciado pelo pesquisador, como o pesquisador é influenciado pelo sujeito. Em outras palavras, houve uma alteração no comportamento dos frequentadores do Passeio Público devido a minha presença no espaço, e em contraponto, a minha experiência com estas pessoas influenciaram consideravelmente a minha percepção e interpretação do objetivo de estudo, interferindo a narrativa escrita no livro-reportagem *Pássaros do Concreto*. A experiência vivida por mim no Passeio Público é única, é particular e subjetiva, é pessoal e relativa.

4.2. Entrevista narrativa

Antes de iniciar a pesquisa de campo, foi definida a metodologia deste trabalho. Além da opção pela pesquisa (auto)biográfica, foi escolhida a técnica⁴ utilizada para a abordagem dos sujeitos: a entrevista narrativa. A entrevista narrativa é caracterizada pelo entrevistador influenciar o mínimo possível as respostas dos entrevistados, fazendo perguntas abertas.

A entrevista narrativa é classificada como um método de pesquisa qualitativa (Lamnek, 1989; Hatch & Wisniewski, 1995; Riesman, 1993; Flick, 1998). Ela é considerada uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas. Conceitualmente, a ideia da entrevista narrativa é motivada por uma crítica do esquema pergunta-resposta (JOVCHELOVICH; BAUER, 2002)

A entrevista narrativa segue uma estrutura, para isto, é necessário em um primeiro momento que o entrevistador explique ao sujeito que ele poderá falar à vontade, e que não será interrompido. Todos os entrevistados responderam inicialmente a mesma questão: “Qual é a sua relação com o Passeio Público?”. Houve uma variação no tempo de resposta para a pergunta. A profissional do sexo Rejane, por exemplo, demorou apenas cinco minutos para responder tal questão, enquanto que a permissionária do Café Passeio, Rosana Lins, respondeu em cerca de quarenta minutos. A média dos entrevistados foi de meia hora.

Após o início da narração do entrevistado não deve haver nenhuma interrupção do pesquisador, até o momento em que a fala dele é cessada de forma “natural”. O entrevistador deve-se privar de fazer qualquer comentário, escutando atendo toda a história.

⁴ Neste trabalho utilizo a entrevista narrativa como técnica, apropriando-a no universo da pesquisa (auto) biográfica.

“As entrevistas narrativas deixam o sujeito livre para argumentar sobre o que julga importante acerca de determinados temas” (MORAIS; PAVIANI, 2009, p.4).

Com o término da narração, começa a segunda fase da entrevista, onde são feitas as perguntas imanentes, que são “os temas, tópicos e relatos de acontecimentos que surgem durante a narração trazida pelo informante” (p.97), isto é, são questões a respeito do que já foi dito pelo entrevistado. Durante as entrevistas com os cinco sujeitos do livro *Pássaros do Concreto*, houve uma grande quantidade de perguntas imanentes, principalmente em relação as datas e aos locais dos acontecimentos citados, dados necessários para o entendimento da cronologia das histórias.

Após as perguntas imanentes, o entrevistador realiza as questões exmanentes, que “refletem os interesses do pesquisador, suas formulações e linguagem” (p.97). “A fase de questionamento tem como finalidade eliciar material novo e adicional além do esquema autogerador da história” (p.100). Até este momento, todas as fases da entrevista foram gravadas, com consentimento dos entrevistados. Com o término da narração, o gravador é desligado e costumeiramente continua-se uma conversa informal entre o pesquisador e o entrevistado. Essa conversa pode trazer informações relevantes para o trabalho, os relatos ou dados devem assim ser escritos em um diário de campo.

5. DESCRIÇÃO DAS ETAPAS DO PROCESSO

5.1. Pré-produção

Antes de ir ao campo foi necessário entender o método da pesquisa (auto)biográfica, além da técnica da entrevista narrativa, por isso eu realizei a leitura dos teóricos, debatendo os conceitos logo após, com a orientadora deste trabalho, a professora Alessandra Oliveira. Em um segundo momento, eu precisava conhecer o objeto de estudo desta pesquisa, ou seja, os personagens e o Passeio Público. Kotscho (1986) orienta o pesquisador a ter um conhecimento prévio dos sujeitos e do local em que será realizada a pesquisa de campo. “É necessário que ele se municie previamente sobre o tema de que vai tratar: para ir fundo na vida de uma pessoa ou de um lugar, é preciso, antes de mais nada, conhecê-lo bem” (p. 42).

Antes de começar as entrevistas foi necessário caçar histórias, escolher os cinco personagens que contariam as suas vidas no livro-reportagem *Pássaros do Concreto*. Um mês desta pesquisa, entre agosto e setembro de 2015, foi investido para conhecer pessoas.

De segunda a sexta-feira eu fui ao Passeio Público para conversar com os frequentadores que estavam no local. Em minhas mãos, um diário de campo servia para registrar as percepções e descrições do espaço e dos possíveis entrevistados.

5.2. Produção

Foram três meses – de agosto a outubro de 2015 - de visitas constantes ao Passeio Público, de segunda a sexta-feira. No primeiro mês o interesse era em conhecer as histórias de vida que passam pelo local. Após este período foram listados os cinco sujeitos que participariam da pesquisa. Já o mês de setembro foi investido para o convívio com os personagens escolhidos. Antes de fazer as entrevistas, várias conversas e encontros foram realizados, para criar uma relação de confiança entre a gente.

Aqui, ao contrário das matérias investigativas, é bom deixar bem claro, logo de cara, qual é o objetivo da matéria. O repórter tem que ganhar a confiança do entrevistado (...). Sempre é bom conversar um pouco antes de começar a matéria propriamente dita - sentir, estudar o outro como uma luta de boxe (KOTSCHO, 1986, p. 42)

Após as entrevistas, o material gravado foi transcrito com observações das entonações e reações no momento da fala dos entrevistados, além dos aspectos percebidos pela pesquisadora. Para finalizar o processo da entrevista narrativa, as transcrições foram entregues aos entrevistados, onde cada um recebeu a sua. Nesta última etapa eles tiveram que ler todo o material, para confirmar se todas as informações escritas estavam corretas. Após a confirmação, eles poderiam acrescentar algum dado que faltou. Em todos os casos foram adicionados relatos novos, que foram escritos no diário de campo.

Paralelamente a pesquisa de campo foram realizadas reuniões semanais com a orientadora, para acompanhar o desenvolvimento do trabalho, além de reuniões com o fotógrafo e com o diagramador. Todos os personagens concederam o uso de seus nomes, histórias e imagens para a divulgação no livro-reportagem *Pássaros do Concreto*, assinando um termo de autorização padrão.

5.3. Pós-produção

Apesar de não ter realizado o procedimento para análise das transcrições dos cinco personagens sugerido pelo autor Moraes (2003), a sua metodologia influenciou no momento da interpretação do material colhido no Passeio Público de Fortaleza. O professor doutor sugere que o pesquisador faça uma desmontagem dos textos, estabelecendo relações

entre as informações coletadas, para só assim captar um novo emergente. Em outras palavras, o autor sugere que as narrativas transcritas sejam desconstruídas, sendo organizadas em tópicos. “É preciso desorganizar a ordem estabelecida, desorganizando o conhecimento existente. Tendo como referência as ideias dos sistemas complexos, esse processo consiste em levar o sistema semântico ao limite do caos” (p.196). Apesar de não ter listado os tópicos, a categorização ocorreu de forma adaptada nesta pesquisa, onde houve uma reorganização e reestruturação das narrativas.

Devido o curto prazo para a execução do livro-reportagem, foi determinada previamente uma semana para a escrita de cada capítulo. Totalizando aproximadamente 45 dias para escrever cinco capítulos e o posfácio. Após o término do livro, o material foi encaminhado para a revisora ortográfica, Regina Helena, e posteriormente para o diagramador e ilustrador Eduardo Martins. Em seguida, o livro foi impresso.

6. CONSIDERAÇÕES

O livro-reportagem *Pássaros do Concreto* teve como principal objetivo ouvir as pessoas que vivem a cidade, as distintas histórias que circulam no Passeio Público de Fortaleza, desta forma, o resultado parece ter-se mostrado bem-sucedido. Como previsto, o trabalho se distanciou da linguagem técnica dos textos acadêmicos, narrando as histórias de uma forma literária. Entretanto, houve a preocupação em adotar uma metodologia para nortear o produto jornalístico, uma base epistemológica que trabalhe a narrativa de vida, para só assim, ter uma aproximação do sujeito de uma forma responsável. A metodologia escolhida para este trabalho foi a da pesquisa (auto)biográfica, respaldada nos autores Delory-Momberger (2008) e Ferrarotti (1991).

A partir do momento em que uma história é contada, neste caso por meio de um livro-reportagem, ela passa a expressar uma gama de sentimentos e situações que se tornam fundamentais para a compreensão dos entrevistados. Não importa se o resultado final traz uma verdade única, ou não, o que é relevante são as histórias contadas pelos cinco personagens do Passeio Público, que representam as suas versões e conseqüentemente as narrativas de outras pessoas. Quando Pedro, Seu Francisco e Rejane contam que deixaram a cidade interiorana do Ceará para vir à capital, esse discurso representa milhares de pessoas, que passaram pelo mesmo processo. A narrativa de vida é assim um campo de construção, do sujeito que conta a sua história, e um campo de representação, por meio dos outros indivíduos que são tocados e representados por essas narrativas.

Devido o uso da técnica de entrevista narrativa, de Jovchelovitch e Bauer (2002), os leitores de *Pássaros do Concreto* encontrarão um retrato que busca ser o mais fiel possível das histórias narradas pelos sujeitos. Entretanto, como se sabe, a simples presença da pesquisadora no local com o gravador já altera a maneira como os entrevistados se comportam, além da percepção e interpretação da autora ter influenciado na produção do texto, no resultado final da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Trad. João Wanderley Geraldi. In: I Seminário Internacional de Educação de Campinas, n° 19, 2002, Campinas, p. 20-29.

COSSON, Rildo. **Romance-reportagem: O império contaminado**. In: CASTRO, Gustavo de (org.); GALENO, Alex (org.). *Jornalismo e Literatura: A Sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

DELORY-MOMBERGUER, Christine. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica**. Trad. Anne Oliveira. *Revista Brasileira de Educação*, v.17, n.51, p.523-536, set-dez 2012.

FERRAROTTI, Franco. **Sobre a autonomia do método biográfico**. In: *Sociologia, Problemas e Práticas*, n° 9, 1991, Lisboa, p. 171-177.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. *Entrevista Narrativa*. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORAES, Roque. **Uma tempestade de Luz: a compreensão Possibilitada pela Análise Textual Discursiva**. *Ciência e Educação*, Rio Grande do Sul, v.9, n.2, p. 191-211, 2003.

MORAIS, Caroline de; PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. **Entrevista Narrativa: Um gênero da pesquisa sociolinguística**. Trabalho apresentado ao V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (Siget), Caxias do Sul, agosto de 2009.

TRAQUINA, Nélon. **Teorias do jornalismo: Por que as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.